



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16163 - Painel Temático - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

Painel Temático

CORPOS E(M) MOVIMENTO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES

Adrienne Ogeda Guedes - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Vitória da Silva Bemvenuto Bonifacio - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi - UFSCAR/SOROCABA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Monica de Avila Todaro - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ

CORPOS E(M) MOVIMENTO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES

Autor 1

Autor 2

Autor 3

Autor 4

Coordenação: Autor 1

Resumo:

O presente painel temático tem por objetivo apresentar as bases teórico-metodológicas que têm orientado as propostas de três componentes curriculares que tomam como centrais as questões do corpo, do movimento e da dança, destacando a relevância de tais estudos/experiências na formação do/da professor/a. Em comum, as experiências em tela acontecem dentro de três cursos de Pedagogia de universidades públicas da região sudeste do Brasil e abordam os pressupostos epistemológicos dos componentes em destaque, bem como trazem aspectos referentes às dinâmicas propostas e ao que mobilizam, refletindo criticamente sobre os impactos das abordagens na formação docente.

Palavras-chave: Corpo e Movimento; Dança-Educação; Pedagogia.

Corpo e[m] Movimento: experiências formativas com o curso de pedagogia

Autor 1

Autor 2

Estar vivo para o mundo. Sentir a presença que se expressa em um corpo que se percebe inteiro, presente, na relação com o outro, seu entorno e consigo próprio. Esta tem sido a bússola que nos orienta nos trabalhos formativos que empreendemos nos cursos de formação de professores/as, tanto na formação inicial quanto na continuada, nos projetos de pesquisa e extensão que temos promovido desde 2013. Neste trabalho, a fim de compor o painel temático ao qual ele está vinculado, apresentamos as ações que temos desenvolvido, focalizando o componente curricular obrigatório “Corpo e Movimento” que integra o curso de Pedagogia da Universidade Pública, no Rio de Janeiro, onde atuamos: uma como professora regente e a outra como pesquisadora colaboradora. Para tanto, explicitamos o trabalho que temos cocriado junto com as/os estudantes e demais professores/as colaboradores/as. Tratando-se, portanto, de um trabalho que toma aquilo que nos passa e nos acontece, ou seja, a experiência (Larrosa, 2021), como ponto de partida, a pesquisa narrativa vem sendo nossa escolha metodológica para o desenvolvimento dessas ações. Desta maneira, é ela também que elegemos como metodologia para a elaboração deste resumo, diante de seus princípios epistemológicos que implicam “[...] em outra lógica para se pensar a formação, mediante a possibilidade de colocar-se em processo de escuta e de partilha de conhecimentos e histórias sobre o vivido [...]” (Souza, 2022, p. 30). Optando, então, por processos formativos experienciais baseados na escuta e no reconhecimento dos/das sujeitos/as como seres de conhecimento (Freire, 2021), desde os tempos de fundação de nosso Grupo de Pesquisa, nos orientam sentidos que conduzem à criação de formações que se contrapunham à ideia de repasse dos conhecimentos. Compreendemos que a formação é espaço de/para experiências, nesse sentido, não nos interessa que aquilo que é aprendido pelos/as professores/as em formação seja replicado para as crianças com as quais trabalham/trabalarão, como se as aulas fossem meras informações que se passam à parte de seus corpos (hooks, 2017). Pelo contrário: nos interessa e motiva, portanto, que eles/elas próprios experienciem os processos nascidos em aula, e possam, antes de tudo, sentir de corpo inteiro, colocar a mão na massa, brincar, dançar, cantar e pensar sobre as relações entre tais experiências e os desafios da docência. Tendo em vista que “[...]”

é movendo-se que conhecemos [...]” (Ingold, 2021, p. 13), queremos que as ações construídas os/as afetem, e ao perceberem sentido nessas relações, escolham, então, viver tais experiências, ao seu modo, junto às crianças com quem compartilham/compartilharão a docência. Para isso, firmamos nossas apostas estreitando diálogo com os estudos da Educação Estética junto com Duarte Júnior (1994; 2000), Albano (2018), entre outros/as, que tomam o sensível como elemento central na construção do conhecimento e apostam nas experiências estético-artísticas como caminho para formação docente. “Corpo e Movimento” é um componente curricular obrigatório que integra o oitavo período do Curso de Pedagogia da universidade a qual estamos vinculadas. Tendemos, assim, a receber estudantes nas etapas finais da graduação. Nos encontramos na sala 201 do Centro de Ciências Humanas da universidade. Uma sala que, desde a porta de entrada, causa estranhamentos. Uma sala que, mesmo dentro de uma instituição que em sua origem disciplinariza os corpos (Foucault, 2020), escapa desse projeto, por exemplo, não tendo carteiras organizadas em fileiras, mas sim móveis desmontáveis. Mesas compridas, sustentadas por cavaletes dobráveis, colchonetes, chão livre, bolas grandes, riscantes coloridos etc. Objetos à disposição para se tornarem outra coisa (Barros, 2016). Acostumados em manter o corpo sentado nas cadeiras na maior parte de suas formações, os/as estudantes são convidados/as a fazer aula deitados/as no chão, em pé, circulando pela sala, em roda, correndo, experimentando as paredes, em conversa. A trazerem, caso possam, um alimento para compartilhar com a turma: enfeitando a “mesa da professora” com alimentos. Construindo as aulas, então, por meio de proposições teórico-vivenciais, ou seja, que não cindem intelecto de corpo e que afirmam que o conhecimento teórico é potencializado a partir de vivências de corpo inteiro, “Corpo e Movimento” busca operar como espaço de possibilidades, promovendo experiências que escapem da fôrma de aulas expositivas, tão usuais nos cursos de formação. Para isso, as propostas que nós levamos à turma consideram os contextos e histórias de vida dos/das estudantes, as narrativas que compartilham, bem como seus silêncios. Em muitas das aulas começamos com a proposta de que se deitem no chão, se aconcheguem no espaço. Considerando que “Corpo e Movimento” é ofertado tanto na turma do vespertino quanto do noturno, muito comumente os estudantes chegam de outras atividades, enfrentando o difícil deslocamento pela cidade. Chegam cansados. Com os tempos sempre espremidos entre trabalho e universidade. Quando os/as convidamos para se deitar no colchonete, experimentar a descompressão e entrega do peso ao chão, alguns adormecem, inspiram profundamente, outros/as ainda têm dificuldade e se mantêm mais vigilantes por um tempo até que se entregam. Aos poucos, cada um/uma vai habitando o momento presente, se colocando mais inteiramente, partindo das “[...] experiências corporais vividas com o grupo, em que as questões referentes ao corpo articularam-se com uma prática de autoconhecimento, tornando a compreensão das necessidades desse corpo mais evidentes e sentidas” (Guedes,

2018). Muitos são os depoimentos após esses momentos de chegada no corpo, de perceberem uma transformação em como se sentem. Um suavizar do estresse, acalmando a agitação e permitindo uma disponibilidade maior para criar a aula em conjunto conosco. A cada semestre vamos constelando ideias-práticas de que uma formação docente integral precisa voltar-se ao corpo (hooks, 2017), um processo que nos mobilize a formar professores/as como sujeitos que se conhecem à medida que se movem com a vida, afetados pelo que lhes acontece. Para isso, é preciso que uma formação docente tenha como premissa o corpo em movimento e atento pois, como nos ensina Ingold (2021, p. 13): “estar atento significa estar vivo para o mundo”. É para isso que “Corpo e Movimento” existe assim: para que formemos professores/as dispostos a estarem vivos/as com a docência, criando com ela, mesmo diante dos desafios e desencantos existentes no percurso.

Palavras-chave: Corpo e Movimento; Formação de Professores; Educação estética.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Ana Angélica. *Conversas com jovens professores de arte*. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

BARROS, Manoel. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

DUARTE Jr., João Francisco. *Fundamentos estéticos da educação*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

DUARTE Jr., João Francisco. *O sentido dos sentidos, a educação (do) sensível*. Curitiba, Criar Edições, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GUEDES, Adrienne Ogêda. O corpo nosso de cada dia: corporeidade e formação de professores. *Revista Teias*, v. 19, n. 52, p. 304-315, jan./mar. 2018.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

INGOLD, Tim. *Estar vivo, ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LARROSA, Jorge. *Tremores: Escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (auto)biografia. In: Graça Reis, Inês Barbosa de Oliveira e Patrícia Baroni (orgs.). *Dicionário de pesquisa narrativa*. Rio de Janeiro, RJ: Ayvu, 2022, p. 21-34.

Os estudos da corporeidade no curso de Pedagogia abrangem ampla gama de interesses, tais como os que envolvem os binômios corpo-escolarizado, corpo-brincante, corpo-gênero, corpo-política, corpo-negro, corpo-indígena, corpo-oprimido, corpo-campo-de-forças no contexto da práxis educativa. Este Resumo Expandido compartilha as bases teóricas da disciplina obrigatória “Educação, Corpo e Movimento”, de 60 horas semestrais no curso de Pedagogia de uma Universidade Pública do Estado de São Paulo, com o propósito de gerar diálogos entre docentes-formadoras(es) deste campo. Escrevi antes sobre o mesmo componente curricular: tratei das questões que surgem por parte de estudantes nos momentos de avaliação diagnóstica (Anônimo, 2020) e abordei as práticas corporais que vimos realizando a partir de combinações de elementos do sistema Laban, da Técnica Klauss Vianna, dos Jogos Teatrais de Viola Spolin e das culturas do brincar (Anônimo, 2022). O presente texto tem por objetivo identificar e sintetizar as principais referências que têm servido de base para os estudos neste componente curricular nos temas da educação, corpo, movimento e suas inter-relações, proporcionando uma visão abrangente e crítica de Pedagogos(as) sobre o universo multifacetado da corporeidade na escola. Para isso, utiliza a identificação de literatura como método, apresentando um pouco do quadro teórico que fundamenta a disciplina. A formação corporal de Pedagogas(os) deve ser constituída por práticas corporais, estudos teóricos e métodos de reflexão que considerem as especificidades desta profissão. Refletir sobre como a corporeidade infantil é vivida e constituída nas instituições educativas solicita transitar por diferentes bases teóricas. Autores(as) fundamentais para essa formação constituem o mosaico de concepções que desvela o caráter diverso do currículo deste curso. Com base nos objetivos do componente, conforme o Projeto Pedagógico do Curso (Anônimo, 2021), discutimos sobre o papel do corpo e do movimento no desenvolvimento e na aprendizagem de crianças no cotidiano escolar. As leituras variam a cada oferta da disciplina, considerando não somente a ementa fixa, mas os interesses de cada turma específica, ou seja, reivindico uma perspectiva de construção dialogal do programa. Isto porque acredito que as(os) estudantes sejam as(os) principais sujeitos da prática educativa, gerando meu desejo enquanto docente-formadora de descobrir modos interativos e dialógicos de recriação e expansão do currículo (Anônimo, 2020). Referências que possibilitam analisar os princípios e valores que embasam o trabalho de movimento com as infâncias são importantes porque Pedagogas(os) são mediadoras(es) das culturas e da corporeidade nas escolas. Neste sentido, lemos e discutimos obras como o livro “Educar a criança” de Mary Hohmann e David Weikart, que aborda a importância do corpo e do movimento no

desenvolvimento infantil como parte integral da abordagem *HighScope*, a qual entende que bebês e crianças aprendem com todo o corpo e os sentidos em contextos e relações de confiança. São privilegiadas a aprendizagem ativa, a construção do conhecimento experimentando ativamente o mundo à sua volta por meio de experiências brincantes. Isto envolve refletir sobre o espaço físico como meio fundamental de aprendizagem que exige grande investigação e investimento. Mergulhamos em autores(as) que possibilitam intensificar o debate a respeito do movimento, das danças, do estado de presença (entendido como consciência de si, das percepções, dos outros corpos e espíritos, do ambiente, em conexão com a intuição), tais como Klauss Vianna, Neide Neves, Rudolf Laban, Maria Mommensohn e Paulo Petrella, Jussara Miller, Marcia Strazzacappa, Regina Miranda e Isabel Azevedo Marques. Essas leituras geram discussões que problematizam formas de conhecer o próprio corpo, de acordar corpos tanto de docentes como de estudantes, favorecer a construção de corpos conscientes, presentes, lúdicos, relacionais e críticos. Possibilitam adentrar o problema do atrofamento das linguagens expressivas na escola e das antigas dicotomias teoria/prática, corpo/mente, razão/emoção. A partir destes referenciais somamos outros que também abordam as manifestações populares das danças e as diversas práticas corporais presentes no contexto escolar, como as pesquisas de Marcos Garcia Neira sobre as culturas corporais de movimento. Sobre os conceitos de jogo e brincadeira, nos apoiamos nos livros e artigos de Tizuko Morchida Kishimoto, Mônica Apezatto Pinazza e outras pesquisadoras da área que investigam as culturas infantis. Estas referências nos convidam a adentrar a discussão da dimensão social e cultural do corpo, considerando os sujeitos em suas relações consigo mesmo, com as outras pessoas e com o mundo. Considero importante trazer ao debate autores basilares da Pedagogia, como Lev Vigotski, que fornece elementos para entender o desenvolvimento motor ligado ao cognitivo e social, enfatizando a importância das interações sociais e culturais no aprendizado, e a psicogenética de Henri Wallon, que constitui importante meio para compreender o corpo e a linguagem corporal da criança. Considerando as questões sociais, culturais e políticas contemporâneas, o corpo se torna alvo de uma série de agenciamentos e exercícios de poder. Assim, problematizamos os pressupostos de disciplinamento e sujeição do corpo na instituição escolar e suas influências nas práticas, posturas e tendências pedagógicas, inclusive em relação a etnias, classe, gênero e deficiência. Percorremos o tema da corporeidade negra e educação, das culturas corporais de origem africana e da diáspora em contato com a capoeira Angola e o Jongo que se faz presente na região do nosso campus universitário, pela proximidade com o Quilombo Cafundó. Neste tópico, adentramos os estudos da educação antirracista com apoio em Petronilha Gonçalves e Silva, Leni Vieira Dornelles e outros. Para abordar as questões dos corpos de meninos e meninas são estudadas pesquisas tais como as de Daniela Finco. Para estudar os pressupostos de disciplinamento e sujeição do corpo na instituição escolar o

principal aporte tem sido as abordagens críticas e pós-estruturalistas na teoria da educação. A leitura de “Vigiar e Punir” de Michel Foucault permanece sendo imprescindível para o desvendamento das estratégias de poder da escola que atuam para disciplinar os corpos infantis com vistas a produzir o corpo-aluno, ajudando a compreender como o poder, o conhecimento e a subjetividade se entrelaçam nas práticas educacionais, e como essas práticas podem reproduzir ou transformar as desigualdades sociais. Somadas às aulas práticas e aos métodos de reflexão, os referenciais teóricos possibilitam que futuros(as) pedagogos(as) se sintam vivos(as) e presentes para criar seu trabalho de modo verdadeiro, que propicie que tanto docente como crianças estejam vibrantes no mundo, se sentindo presentes nas práticas pedagógicas que são construídas em conjunto.

Palavras-chave: Corporeidade; Pedagogia; Formação docente.

REFERÊNCIAS

ANÔNIMO.

XX

ANÔNIMO.

XX

ANÔNIMO.

XX

Corpo e educação: a dança no curso de Pedagogia

Autor 4

O presente *resumo* tem como propósito trazer o relato de uma experiência realizada no curso de Pedagogia de uma Universidade Pública de Minas Gerais. Trata-se de um estudo descritivo (Gil, 2008) que descreverá uma ação educativa de Dança-Educação, ministrada como disciplina optativa e ofertada para 30 estudantes do 5º período, em 2024. A experiência faz parte dos estudos de um grupo de estudos atravessado pelas questões ligadas ao corpo, à cultura, à expressão e às linguagens e está inserida na pesquisa docente “Pedagogia do corpo consciente”. A problemática estudada pela pesquisadora parte das questões: Sou meu corpo em movimento no curso de Pedagogia? O que pode a dança na formação de pedagogas/os? O campo teórico sobre a temática revela que o conhecimento através da dança se torna essencial para uma educação do ser em formação (Marques, 2012). De acordo com Drago e Rossi (2022, p. 56), “[...] existe uma lacuna nos cursos de formação inicial, que não prepararam as docentes para garantir experiências que promovam o relacionamento e a interação das crianças com a dança na escola”. Futuras/os pedagogas/os precisam adquirir conhecimentos

sobre a dança para, no trabalho como educadoras/es, contribuírem com o processo formativo das crianças, já que essa é uma experiência estética que provoca afetos. Afinal, tendo em vista a lei 13278/16 (Brasil, 2016), que torna obrigatório o ensino de danças nas escolas de educação básica, como criar as possibilidades para a construção desse conhecimento sem vivenciá-lo? A ementa da referida disciplina está descrita, como: Abordagem teórico-prática da dança na Educação Básica; A dança como um caminho para a integração corpo-mente; O movimento expressivo como possibilidade para uma educação do sensível. Com carga horária de 36 horas, tem como objetivos: Refletir acerca do papel da dança na escola; Compreender a importância da dança no processo ensino-aprendizagem; considerar a dança como potência para uma educação das sensibilidades; e propor um instrumental teórico-prático em dança para futuros educadores. Para a pesquisa, foi utilizada como material de coleta de dados a redação das/os 30 estudantes participantes no ano de 2024. As questões disparadoras da escrita foram: Sou meu corpo em movimento no curso de Pedagogia? O que pode a dança na formação de pedagogas/os? A coleta foi feita ao final da disciplina. Na seleção da amostra, para a escrita do resumo da experiência, foram priorizados os conteúdos, provenientes das redações, carregados de significados cognitivos, afetivos e subjetivos. Faz-se necessário destacar o cuidado ético com as/os participantes, que preencheram o Termo de compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) e foram anonimamente citadas/os por meio de números. Para a discussão, foram consideradas algumas pesquisas publicadas nos Anais da ANPEd entre os anos de 2019 e 2023 (Santos, 2019; Silva, 2019; Silva, 2021; Sampaio, 2021; Brasil e Costa, 2023) selecionadas por se aproximarem mais da temática em questão. O conteúdo das redações das estudantes 1 e 3 revelaram: “Nunca tive a oportunidade de criar uma coreografia”; “Nessa disciplina pude viver uma experiência única: a de criar”. Os relatos vão ao encontro do que Silva (2019, p.4) afirma: “O ensino da dança ativa a criação e a produção de conhecimento”. Nas redações dos estudantes 2 e 4, lê-se: “A gente está na mesma sala de aula onde estudamos todos os dias, mas sem carteiras, com música e se movimentando”; “É como se estivesse num outro espaço novo para mim”. Silva (2021, p. 5) aponta a importância dos “Corpos que ocupam espaços e apresentam narrativas profícuas para construção das múltiplas formas de existir construindo conhecimento em Dança”. As redações das estudantes 6 e 7 trazem que: “Eu queria que fosse uma disciplina obrigatória no currículo”; “Nessa disciplina a gente encontra com as mesmas colegas, mas é diferente estudar assim porque estamos dançando.”. Sampaio (2021, p. 4) indica que “Um currículo-dançante não dança só, e só funciona na conexão com a diferença de cada corpo que encontra”. Um mesmo conteúdo esteve presente nas 30 redações: a importância de estar fazendo a disciplina para poder incluir a dança na prática com crianças. Para Santos (2019, p. 1), “Um dos argumentos mais usados como defesa da dança na educação básica é que essa linguagem artística interfere positivamente nas relações entre os alunos”.

Outro conteúdo comum nas redações foi a transformação que sentiram em seus corpos. De acordo com Brasil e Costa (2023, p. 3), “acredita-se no corpo como uma chave de transformação e educação extremamente poderosa, que foi reclusa, oprimida, dominada, controlada”. Os resultados da experiência indicaram que, no ponto de vista das pessoas participantes, participar de uma disciplina de dança educação foi algo importante para a formação inicial de professoras/es. Os conteúdos das redações revelaram a potência de movimentar o corpo, se expressando por meio da dança, no curso de Pedagogia. Conclui-se que ao considerar o relato de experiência como expressão de uma vivência em dança, é reconhecida a capacidade de estudantes de pedagogia serem seus corpos em movimento. Para isso,

É imprescindível que os(as) professores(as) tenham condições adequadas de formação, apropriando-se de conhecimentos e experienciando a dança como forma de conhecer seus corpos e suas capacidades criativas, para, assim, elaborarem propostas pedagógicas e colocá-las em prática, levando às crianças, que são corpos (condição de sua existência e de apropriação do mundo), à descoberta de novas possibilidades e potenciais como sujeitos conscientes, afetivos, críticos, responsáveis, expressivos e dançantes! (Drago e Rossi, 2022, p. 57).

Palavras-chave: Corpo; Educação; Dança; Pedagogia.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016. Altera o § 6º do artigo 26 da Lei 9.394/96, referente ao ensino da arte. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2016. Disponível em: . Acesso em: 31 jul. 2024.

BRASIL, Marcela Botelho; COSTA, Lívia Alessandra Fialho. *Corpo e educação: reflexões epistemológicas*. ANAIS. ANPED, 2023.

DRAGO, Ana Julia; ROSSI, Fernanda. Dança na Educação Infantil: perspectivas de professoras de Arte, Educação Física e Pedagogia. *Saberes Pedagógicos*, Criciúma, v. 6, nº1, janeiro/abril 2022. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/pedag/article/view/7242/6146> Acesso em: 31 jul. 2024.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARQUES, Isabel A. *Dançando na escola*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SAMPAIO, Carla Char Melo. *Dançando entre um currículo-maior e um currículo-menor: a criação de um currículo-dançante*. ANAIS. ANPED, 2021.

SANTOS, Samuel Barreto dos. Argumentos que sustentam a defesa da dança como componente curricular na educação básica. ANAIS. ANPED, 2019.

SILVA, Alexander Barbozza da. *A busca por um ensino de dança transgressor*. um

diálogo entre Isabel Marques e bell hooks. ANAIS. ANPED, 2021.

SILVA, Edna Christine. *Dança como área de conhecimento na educação básica*. ANAIS. ANPED, 2019.